



AS QUATRO DIMENSÕES DO *ENCONTRO DE SABERES*: PLURIEPISTEMOLOGIA E OS DESAFIOS PARA UMA UNIVERSIDADE DECOLONIAL

Raul Tavares¹

Resumo: O *Encontro de Saberes* é um projeto inovador, iniciado na Universidade de Brasília (UnB), que busca integrar conhecimentos tradicionais de mestres indígenas, quilombolas e outras comunidades ao ensino acadêmico, promovendo um diálogo entre saberes científicos e populares. Este artigo analisa os avanços e desafios do projeto, discutindo como ele tenta descolonizar a universidade enquanto enfrenta resistências institucionais. Abordamos suas quatro dimensões (étnico-racial, política, pedagógica e epistêmica), trazemos exemplos práticos de implementação e os riscos de uma inclusão superficial. Concluimos com propostas para fortalecer o projeto, garantindo que os saberes tradicionais não sejam apenas incorporados, mas tenham real impacto na transformação da academia.

Palavras-chave: encontro de Saberes; descolonização do conhecimento; diálogo intercultural; educação superior; pluralismo epistêmico; notório saber

THE FOUR DIMENSIONS OF THE *ENCONTRO DE SABERES*: PLURI EPISTEMOLOGY AND THE CHALLENGES FOR A DECOLONIAL UNIVERSITY

Abstract: The *Encontro de Saberes* (Meeting of Knowledges) is an innovative project launched at the University of Brasília (UnB), which seeks to integrate traditional knowledge from Indigenous, Quilombola, and other community masters into academic education, fostering a dialogue between scientific and popular

¹ Mestre em Estudos Interdisciplinares sobre a Universidade pelo Instituto Milton Santos de Humanidades, Artes, Ciências - IHAC - da UFBA (2023) com passagem em Mobilidade Acadêmica (mestrado sanduíche) na Universidade do Porto (Portugal) através do Programa Abdias Nascimento, financiado pela CAPES. Inscrito na linha de pesquisa sobre Formação Acadêmica, Saúde e Qualidade de Vida na Universidade do IHAC. Pesquiso sobre as contribuições das práticas de saúde do Candomblé para a formação acadêmica em saúde tomando a Encruzilhada como fundamento metodológico. Bacharel interdisciplinar em saúde pela Universidade Federal da Bahia (2023). Interessado especialmente na Saúde da População Negra, na cooperação pluriepistêmica do sul global, decolonialidade, contracolonialidade, enfrentamento ao racismo epistêmico e acadêmico. Homem de Candomblé, Omo Obaluaye e Pejigan de uma casa de Oxóssi, o Ile Asé Ode Mywa - Camaçari/BA. E-mail: raul2tavares@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0009-0009-8513-0317>



knowledges. This article examines the project's progress and challenges, discussing how it attempts to decolonize the university while facing institutional resistance. We address its four dimensions (ethnic-racial, political, pedagogical, and epistemic), provide practical examples of implementation, and highlight the risks of superficial inclusion. We conclude with proposals to strengthen the project, ensuring that traditional knowledge is not merely incorporated but has a real impact on transforming academia.

Keywords: Encontro de Saberes; knowledge decolonization; intercultural dialogue; higher education; epistemic pluralism; notable knowledge

LAS CUATRO DIMENSIONES DEL ENCUENTRO DE SABERES: PLURI EPISTEMOLOGÍA Y LOS DESAFÍOS PARA UNA UNIVERSIDAD DECOLONIAL

Resumen: *Encuentro de Saberes* es un proyecto innovador, iniciado en la Universidad de Brasilia (UnB), que busca integrar los conocimientos tradicionales de maestros indígenas, quilombolas y otras comunidades a la enseñanza académica, promoviendo un diálogo entre saberes científicos y populares. Este artículo analiza los avances y desafíos del proyecto, discutiendo cómo intenta descolonizar la universidad mientras enfrenta resistencias institucionales. Abordamos sus cuatro dimensiones (étnico-racial, política, pedagógica y epistémica), presentamos ejemplos prácticos de implementación y los riesgos de una inclusión superficial. Concluimos con propuestas para fortalecer el proyecto, garantizando que los saberes tradicionales no solo sean incorporados, sino que tengan un impacto real en la transformación de la academia.

Palabras clave: Encuentro de Saberes; descolonización del conocimiento; diálogo intercultural; educación superior; pluralismo epistémico; notorio saber.

LES QUATRE DIMENSIONS DE LA RENCONTRE DES SAVOIRS: PLURI ÉPISTÉMOLOGIE ET LES DÉFIS POUR UNE UNIVERSITÉ DÉCOLONIALE

Résumé: *Rencontre des Savoirs* est un projet innovant, initié à l'Université de Brasilia (UnB), qui vise à intégrer les connaissances traditionnelles des maîtres indigènes, quilombolas et d'autres communautés dans l'enseignement académique, favorisant ainsi un dialogue entre savoirs scientifiques et populaires. Cet article analyse les avancées et les défis du projet, en examinant comment il tente de décoloniser l'université tout en faisant face à des résistances institutionnelles. Nous abordons ses quatre dimensions (ethno-raciale, politique, pédagogique et épistémique), présentons des exemples concrets de mise en œuvre et les risques d'une inclusion superficielle. Nous concluons par des propositions pour renforcer le projet, en garantissant que les savoirs traditionnels ne soient pas simplement incorporés, mais qu'ils aient un impact réel sur la transformation de l'académie.



Mots-clés: Rencontre des Savoirs; décolonisation des savoirs; dialogue interculturel; enseignement supérieur; pluralisme épistémique; savoir notoire.

CONTEXTUALIZANDO

O *Encontro de Saberes* é um projeto sistematizado e institucionalizado na Universidade de Brasília (UnB) a partir de 2010, que dialoga com experiências prévias de extensão universitária e educação popular. Inspirado em uma crítica ao paradigma eurocêntrico dominante, o projeto busca sistematizar e ampliar um diálogo horizontal entre epistemologias distintas, descolonizando estruturas universitárias por meio da ampliação do reconhecimento de saberes marginalizados. Sua originalidade reside menos na ideia do diálogo em si – já presente em iniciativas como programas de extensão, projetos de pesquisa-ação e experiências de educação popular – e mais em sua proposta de formalização institucional por meio da docência compartilhada e do reconhecimento do Notório Saber como equivalente à titulação acadêmica.

Apesar de seus avanços, o projeto enfrenta uma contradição central: como conciliar sua proposta decolonial com a permanência de estruturas acadêmicas que reproduzem hierarquias epistêmicas? A inclusão de mestres tradicionais na universidade exige adaptações burocráticas e pedagógicas que, muitas vezes, submetem seus saberes a critérios ocidentais de validação. Isso levanta questões sobre até que ponto o diálogo é simétrico e se a institucionalização do projeto pode, paradoxalmente, reforçar a lógica que ele pretende combater.

Discutir este tensionamento é importante porque o Encontro de Saberes não é apenas um projeto acadêmico, mas uma aposta política na transformação radical da educação superior. Seu sucesso ou fracasso serve como termômetro para iniciativas similares no Brasil e na América Latina. Além disso, a análise crítica desse processo ajuda a identificar armadilhas – como o extrativismo intelectual ou a folclorização



dos saberes tradicionais² – e a propor caminhos para uma descolonização efetiva. O Encontro de Saberes já conta com uma grande diversidade de publicações e vem sendo amplamente estudado. Como contribuição aos estudos que se debruçam sobre diálogos intepistêmicos, este artigo desenvolve uma sistematização crítica das contradições deste projeto, aprofundando as tensões não resolvidas, como a folclorização dos saberes tradicionais e o risco de cooptação acadêmica, apontando caminhos para uma descolonização radical. Essa sistematização analisa as quatro dimensões de forma integrada (étnico-racial, política, pedagógica e epistêmica), articulando-as de maneira mais direta, demonstrando como estão relacionadas e como a fragilidade em uma delas pode comprometer o projeto como um todo.

O artigo está organizado em quatro seções. Na primeira, “O Encontro de Saberes”, contextualizamos a criação e os princípios do projeto. Em seguida, “As quatro dimensões do Encontro de Saberes”, detalhamos seus pilares teóricos e práticos. A terceira seção, “Pensar, sentir e fazer com os mestres e mestras”, examina casos concretos de implementação e suas contradições. Por fim, nas considerações finais, problematizamos os avanços e limites do projeto, reforçando a necessidade de radicalização para que ele cumpra seu potencial transformador.

O ENCONTRO DE SABERES

Nos anos 2000, visando a integração entre os conhecimentos tradicionais de mestres e mestras de comunidades indígenas, quilombolas, ribeirinhas e outras populações tradicionais e o conhecimento científico produzido nas universidades, é idealizado o Encontro de Saberes. Criado na Universidade de Brasília (UnB) em 2010, sob a liderança do antropólogo José Jorge de Carvalho, o Encontro de Saberes se funda na crítica ao paradigma eurocêntrico e monoepistêmico de conhecimento até

² Utilizamos 'saberes tradicionais' como termo guarda-chuva para conhecimentos desenvolvidos e transmitidos no seio de comunidades culturalmente diferenciadas, reconhecendo que estes englobam tanto saberes ancestrais de origem remota quanto conhecimentos históricos mais recentes. Para distinções conceituais detalhadas, ver Santos (2007) e Walsh (2009).



então corrente no ensino superior. O Encontro de Saberes foi pensado como uma resposta à necessidade de inclusão epistêmica para descolonizar o currículo universitário e incluir saberes tradicionalmente marginalizados (CARVALHO; VIANNA, 2020).

O objetivo do projeto é permitir a inclusão dos mestres como docentes nas universidades, promovendo o diálogo entre saberes acadêmicos e tradicionais (CARVALHO, 2010, 2021, 2023; CARVALHO; FLOREZ, 2014; CARVALHO; ÁGUAS, 2015; CARVALHO; VIANNA, 2020; LIMA *et al*, 2020; ALBERNAZ; CARVALHO, 2022; VIANNA, 2023; PAIM; OLIVEIRA, 2023). Sua intenção é uma refundação pluriepistêmica que seja crítica ao modelo eurocêntrico das universidades, integrando os conhecimentos indígenas, afro-diaspóricos e ocidentais (CARVALHO, 2023). Portanto, concordamos com Luz (2021), quando sustenta que a universidade, em grande medida, continua a reproduzir um comportamento de enclausuramento intelectual e falando para si mesma.

A intenção do Encontro de Saberes não é substituir um saber pelo outro, mas estabelecer diálogo horizontal entre os saberes acadêmicos e os saberes tradicionais, colocando-os em sintonia (PAIM; OLIVEIRA, 2023). A inclusão dos mestres e mestras na universidade, atuando como professores, em pé de igualdade com os professores visitantes com nível de doutorado (mesmo quando alguns desses mestres e mestras indígenas, afro-brasileiras, quilombolas, entre outras, não possuam instrução escolar ou acadêmica), tem contribuído para a ampliação da formação intelectual da comunidade acadêmica, em decorrência do diálogo com epistemes não-eurocênticas (ALBERNAZ; CARVALHO, 2022). O projeto foi idealizado inicialmente para a universidade pública e está em expansão. Para Vianna (2023) “trata-se de uma práxis descolonizadora que se dá a partir da universidade pública; mas que nos médio e longo prazos trará efetividade na transformação da sociedade como um todo” (VIANNA, 2023, p. 3).



Para melhor entender o funcionamento – e para que ele sirva de exemplo para a elaboração de estratégias de inclusão de saberes marginalizados – é necessário ter em conta as premissas do projeto. Segundo Albernaz e Carvalho (2022) e Carvalho (2020), o Encontro de Saberes é composto por quatro dimensões: étnico-racial, política, pedagógica e epistêmica. Essas dimensões conversam entre si. A inclusão étnico-racial exige mudanças políticas que só se concretizam com novas pedagogias e uma ruptura epistêmica.

AS QUATRO DIMENSÕES DO *ENCONTRO DE SABERES*

A dimensão étnico-racial

Esta dimensão volta-se ao combate à exclusão histórica de negros, indígenas e povos tradicionais no espaço universitário. Há um debate sobre se a Lei de Cotas sozinha consegue promover um acesso isonômico e justo, “sobretudo se tomado como parâmetro o histórico de desigualdade étnica, racial e de classe no Brasil” (SANTANA; MEIRELES; CARVALHO, 2019. p.135). Ainda assim, o projeto acredita que a entrada de estudantes no nível superior por intermédio das cotas para negros, indígenas e quilombolas foi fundamental. Isso porque o Encontro de Saberes considera que este fato amplia a diversidade epistêmica. Albernaz e Carvalho (2022) afirmam que:

Com essa lei [Lei de Cotas nº 12.711/2012] e o ingresso dos cotistas, as universidades brasileiras passaram por uma transformação sem precedentes, com a inserção nos cursos de graduação de alunos indígenas e negros que contribuíram para o processo de rompimento de uma lógica segregacionista que acompanha as universidades brasileiras desde a sua fundação (ALBERNAZ; CARVALHO, 2022. p. 335).



Essa compreensão é ainda reforçada quando os autores defendem que a presença de estudantes cotistas exige uma reestruturação dos currículos e das formas de produção do conhecimento, já que muitas pessoas desses grupos trazem consigo saberes ancestrais e modos de conhecer distintos da chamada racionalidade ocidental³. O projeto Encontro de Saberes surge então como uma consequência dessa lógica, ao incluir mestres tradicionais como docentes, o que, na prática, formaliza a pluralidade epistêmica desejada.

A implementação de cotas étnico-raciais nas universidades brasileiras foi um avanço crucial para a democratização do acesso ao ensino superior. No entanto, parece haver um risco: se as cotas forem aplicadas sem a inclusão dos saberes tradicionais (via Encontro de Saberes, por exemplo), elas podem, involuntariamente ou não, reforçar a hierarquia epistêmica que privilegia o conhecimento eurocêntrico e marginaliza os saberes indígenas, afro-brasileiros e populares. Nos importa distinguir entre herança cultural (transmissão ativa de conhecimentos via processos educativos comunitários) e mera descendência biológica. O pertencimento étnico-racial não confere automaticamente domínio sobre saberes tradicionais ou ancestrais; este domínio depende de processos específicos de aprendizagem, iniciação e reconhecimento dentro das comunidades. Carvalho (2021) nos leva a refletir que muitos jovens indígenas em contexto urbano, por exemplo, podem não dominar saberes ancestrais de suas etnias, assim como muitos acadêmicos negros podem não ter sido socializados em tradições afro-brasileiras. O Encontro de Saberes, portanto, não se baseia no pressuposto essencialista de que cor ou raça determinam conhecimento, mas na compreensão de que mestres específicos – independentemente de sua formação escolar – detêm expertise em sistemas de saber que a universidade precisa dialogar.

³ Segundo Catherine Walsh (2009), os saberes ocidentais estão enraizados na matriz colonial-eurocêntrica, baseada em dualismos (razão/emoção, sujeito/objeto) e na hierarquização de conhecimentos que legitimam a dominação, tratando outras epistemologias como inferiores. Já os saberes não ocidentais – como os indígenas e afrodescendentes – surgem de cosmovisões ligadas à relação entre homem-natureza-espiritualidade. Geralmente são vinculados à oralidade, à coletividade e a práticas de resistência. Esses saberes são subalternizados pela colonialidade acadêmica.



Para Carvalho (2020), o Encontro de Saberes é um projeto integral, não sendo apenas curricular, mas de refundação da universidade. Ou seja, as cotas garantem que negros, indígenas e quilombolas entrem na universidade, mas não questionam o conteúdo ensinado e, portanto, não dariam conta, sozinhas, de produzir diversidade epistêmica. Isso leva Carvalho (2018) a asseverar que “dito de outro modo, cotas étnico-raciais sem cotas epistêmicas afirmam, pela segunda vez e pelo avesso, a ideologia da superioridade do saber eurocêntrico moderno” (CARVALHO, 2018. p.n). É provável que a universidade não faça o movimento de inclusão étnico-racial e epistêmica sem que haja resistência e transformação na sua estrutura, o que nos leva a necessidade de compreender também a dimensão política do Encontro de Saberes.

A dimensão política

Os desafios e reflexões apresentados, levam à segunda dimensão: a política, que diz sobre a necessidade de transformar a estrutura da universidade para favorecer a convivência e o diálogo entre diferentes epistemes (CARVALHO, 2011; VIANNA, 2023). Especialmente, porque é difícil, dentro da estrutura acadêmica, que tradicionalmente valida saberes apenas via titulação, incluir mestres sem diplomas do sistema de educação ocidental. Segundo Carvalho (2011), existe um preconceito que é parte da formação da própria universidade como espaço colonizado e colonizador. Há uma normalização da reprodução apenas do pensamento europeu. “Há pessoas escandalizadas pelo fato de analfabetos estarem dando aulas (CARVALHO, 2011. p.6)”. Mas, a inclusão dos mestres não é um gesto simbólico e sim um processo que demanda transformações estruturais nas universidades. Essa inclusão implica na exigência de reformas legais para reconhecer saberes não eurocêntricos que certamente sofrerão resistências epistêmicas e burocráticas porque a academia se comporta como uma instituição colonial (CARVALHO; FLOREZ, 2014; CARVALHO; VIANNA, 2020).



A burocracia universitária se baseia em critérios formais de titulação e, por isso, opera como barreira à inclusão dos mestres, exigindo mudanças normativas. O Encontro de Saberes força a universidade a sair de seus modelos estabelecidos de organização do conhecimento, o que pode gerar conflitos. Carvalho (2018) defende que o diálogo com os mestres “empurrará a universidade para um arranjo transdisciplinar dos saberes, até agora compartimentados, que ela promove através da docência e da pesquisa” (CARVALHO, 2018. p.n). Portanto, para o sucesso do Encontro de Saberes, é necessário estabelecer protocolos, normas, leis que promovam esse rearranjo institucional, necessário para garantir a presença dos mestres e mestras como professores (CARVALHO, 2010). Esse entendimento é corroborado aqui:

A realização do projeto só se torna plenamente viável com um rearranjo dos procedimentos institucionais para que pessoas não diplomadas também possam lecionar no lugar dos professores doutores. O caminho seguido até agora acumula soluções temporárias [...] até que o aparato legal/administrativo permita garantir a presença dos mestres e mestras, com a mesma capacidade que já garante a presença dos professores substitutos ou visitantes (CARVALHO; VIANNA, 2020. p.28).

Paim e Oliveira (2023) ressaltam que apesar de haver uma improvisação inicial como estratégia para a instalação do Encontro de Saberes nas universidades, geralmente via extensão, os entraves burocráticos são posteriormente superados. É o que reforçam Albernaz e Carvalho (2020) quando dizem que “será preciso também aceitar a relevância de seus saberes para a formulação de novas soluções para justificar e manter a presença desses sábios em posição similar à de um professor substituto ou visitante” (ALBERNAZ; CARVALHO, 2022. p. 344). Contribuindo com essa ideia da necessidade de inclusão dos mestres e mestras, o Mestre Cobra Mansa afirma que quem está ganhando [com o Encontro de Saberes] é a universidade, porque o saber popular já educa muitas pessoas mesmo fora [e antes]



da educação formal acadêmica. Para ele, a presença dos mestres serve para renovar e dar “sangue novo” para a estrutura acadêmica (POGLIA *et al*, 2020).

Outra estratégia política utilizada pelo Encontro de Saberes é a titulação de Notório Saber para os mestres e mestras. Essa titulação, dada pelas universidades por meio de editais específicos, acaba por formalizar essa relação quando reconhece a importância desses sujeitos epistêmicos.

Para legitimar o saber de origem europeia instituiu-se que só se aceitaria na academia pessoas com letramento [...] Com isso, garantiu-se a predominância do saber eurocêntrico moderno [...] O resultado: ficamos com uma formação empobrecida [...] O próximo passo é reconhecer e dar o título de notório saber pra esses mestres, para que eles possam ensinar nas universidades (CARVALHO, 2011. p.6-7).

Lima *et al.* (2020) lembram que a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LEI n. 9.394/1996) prevê que o Notório Saber pode suprir a exigência de título acadêmico desde que a universidade em questão possua curso de doutorado na área afim da titulação. Afirmam também que o Plano Nacional de Cultura (LEI n. 12343/2010) traz como princípio norteador o Notório Saber como título possível para validar a atuação dos mestres de ofício. Segundo Carvalho e Vianna (2020), entre 2010 e 2020, 161 mestres participaram do Encontro de Saberes, sendo 34% indígenas, 28% quilombolas, 22% mestres de terreiros, 16% outros (raizeiros, ciganos, etc.). Todos eles recebendo uma remuneração equiparada à de professores substitutos com doutorado. De uma maneira geral, o Encontro de Saberes é um projeto politicamente transformador. Ele desafia regras institucionais e enfrenta resistências enraizadas, exigindo ações além do discurso. A dimensão política é estrutural e prática, não apenas simbólica (CARVALHO; ÁGUAS, 2015). Essa premissa carrega uma parte importante da essência do projeto, que é a necessidade de modificar aspectos profundos da academia, remetendo diretamente à dimensão pedagógica do Encontro de Saberes.



A dimensão pedagógica

Somente em articulação com a dimensão política é possível vencer resistências institucionais para efetivar a terceira dimensão, a pedagógica. Por tudo que já foi visto até aqui, não parece ser uma tarefa fácil desenvolver metodologias de ensino que integrem saberes tradicionais e acadêmicos. Para Hartmann *et al.* (2019), há um conflito entre as metodologias acadêmicas, baseadas em aulas expositivas, textos escritos e avaliações formais e as pedagogias baseadas em outras tradições, que exigem corporeidade, oralidade e vivência. “Como ensinar samba sem sambar?” (HARTMANN *et al.*, 2019. p.20). Para esses autores, a universidade, em sua estrutura atual, não está preparada para integrar saberes que dependem de práticas não textuais. Carvalho (2018) pergunta “como vamos dialogar com os pajés [...] discutindo os conceitos de corpo, alma e espírito? Nenhuma disciplina acadêmica pode, sozinha, estabelecer um diálogo intelectual satisfatório” (CARVALHO, 2018. p.21-22). Essa pergunta vai na direção da variedade de arranjos necessários para que cada edição do Encontro de Saberes se concretize porque os mestres e mestras são, geralmente, polímatas e têm conhecimento vasto em diversas áreas do conhecimento. Tal característica faz chegar à conclusão de que “cada edição do Encontro de Saberes coloca para os professores parceiros o desafio de construir a interface dos saberes tradicionais com algumas áreas dos conhecimentos acadêmicos” (CARVALHO; VIANNA, 2020, p.29).

E o desafio posto à academia é superar o nível disciplinar e alcançar - ou ao menos vislumbrar - a perspectiva inter/transdisciplinar e polímata do mestre, que mesmo na condição de professor substituto ou visitante – portanto, temporário – coloca-se como referência para um rearranjo epistêmico do funcionamento do nosso ensino superior. (CARVALHO, 2023. p.5)

Assim, como já referido, para cada edição do projeto é preciso fazer um protocolo novo e não apenas ajustes. Por exemplo, se saberes tradicionais não estão necessariamente alinhados com o formato reconhecido pela universidade, quando



se rompe a hegemonia da escrita sobre a oralidade, é necessário exercitar a transdisciplinaridade (PAIM; OLIVEIRA, 2023). Cabe, portanto, definir de que maneira esses saberes podem integrar o mundo acadêmico sem perder sua essência.

A integração de saberes exige a criação de protocolos específicos por área. Um mestre da arquitetura indígena necessitará de material diferenciado para ministrar sua aula. E, ainda, certamente, trará sua abordagem do tema, de acordo com sua própria cosmologia, com sua forma tradicional de fazer e de transmitir seu saber. Isso indica que não há um modelo único e que cada disciplina⁴ no Encontro de Saberes enfrenta desafios distintos. Os saberes tradicionais parecem ser irreduzíveis a apenas um nível de entendimento. Isso amplia o desafio de criar metodologias que respeitem sua complexidade, mesmo que essas não sejam necessariamente condicionadas aos moldes acadêmicos que conhecemos.

Para Albernaz e Carvalho (2022) saberes tradicionais não podem ser limitados a uma única disciplina científica ocidental. Eles apresentam uma natureza complexa, transcendem as divisões acadêmicas estabelecidas e ultrapassam os campos acadêmicos especializados. Esses saberes são pluralistas em suas origens, vinculados a diversas formas de geração e reconhecimento de conhecimento e abrangentes em sua essência. Envolvem múltiplas camadas de realidade, cada uma seguindo princípios próprios e impossíveis de serem reduzidos a uma única perspectiva interpretativa.

Como exemplo, um mestre dos povos de terreiro, com sua tradição oral, ao ensinar sobre plantas medicinais, não apenas compartilha conhecimentos botânicos ou farmacêuticos, mas integra histórias ancestrais, rituais de cura e uma cosmovisão que entende a natureza como ser vivo – algo que a ciência ocidental fragmenta em disciplinas. Esta abordagem integrativa desafia o engessamento disciplinar acadêmico e revela como os saberes tradicionais se movem em múltiplas dimensões simultaneamente. A “rigidez das fronteiras disciplinares” mostra que os

⁴ Caberia inclusive um debate sobre o conceito de disciplinaridade para perceber se, de fato, cabe falar em “disciplina” no formato do Encontro de Saberes.



métodos pedagógicos tradicionais não estão preparados para abarcar conhecimentos não-ocidentais (CARVALHO; ÁGUAS, 2015).

A integração pedagógica entre saberes não soa como um processo orgânico, automático, mas como uma construção intencional e laboriosa, que exige reinventar métodos, tempos e espaços de ensino. A proposta pedagógica do Encontro de Saberes é uma “revolução” (CARVALHO, 2010), o que implica ruptura com modelos estabelecidos. A dificuldade reside justamente em transformar mestres tradicionais, muitas deles não alfabetizados, em docentes universitários, mantendo a equivalência epistemológica entre saberes distintos (LIMA *et al.*, 2020). A integração pedagógica exige, portanto, a superação de obstáculos concretos: antagonismos, fragmentação disciplinar, representações distorcidas, confirmando que a tarefa está longe de ser simples ou fácil (CARVALHO, 2018, 2023; GUANAES; LEDEZMA MENESES, 2023). Reconstruir estruturas de ensino, naturalmente, envolve dificuldades. Lima *et al.* (2020) observam que a adaptação pode ser complicada.

Sobre o Encontro de Saberes [...] é possível haver algumas mudanças, a fim de adequá-lo às realidades da instituição onde ocorrerá, mas sua metodologia segue alguns fundamentos que não podem ser alterados, quais sejam: a elaboração da ementa e do programa do curso deve ser realizada pelos mestres e mestras junto com os(as) docentes parceiros(as), processo em que a escolha dos(as) mestres(as) é priorizada em relação ao conteúdo e à pedagogia; o papel do(a) professor(a) parceiro(a) é o de um(a) anfitrião(ã) que auxilia o mestre e mestra a ambientar-se no espaço acadêmico, bem como estabelecer relações entre os conhecimentos de forma sutil (LIMA *et al.*, 2020. p 12).

Assim, embora haja flexibilidade para adaptações locais, exigências fundamentais, como a coautoria das ementas por mestres tradicionais, mostram que o processo não é simples. A necessidade de mediação por um docente “anfitrião” revela a assimetria inicial entre os saberes e a dificuldade de integração. Essa articulação/mediação demanda uma negociação complexa, o que não é uma tarefa trivial. Carvalho (2011) afirma que o ponto mais complicado é o da logística. “É muito difícil pôr em prática a disciplina, pois esses saberes não são tão fáceis de



confinar em aulas para serem dadas em uma sala fechada, com um horário burocrático determinado” (CARVALHO, 2011. p.10). Essa estrutura escancara a diferença entre a postura dos mestres e os tempos e espaços da academia. Se, por um lado, os mestres e mestras não se limitam à busca por conhecimento, vivendo a prática da transdisciplinaridade, a universidade faz questão de conservar disciplinas estanques e escrita especializada (CARVALHO, 2021).

A exigência de criar metodologias capazes de mediar essa diferença é explicitada por Vianna (2023): “transformar o aparato burocrático da instituição”, incluindo suas práticas pedagógicas. Isso confirma que o desafio é sistêmico, não apenas técnico. Como um bom exemplo do desafio sistêmico, Carvalho e Águas (2015) destacam a incompatibilidade inicial entre a transmissão oral, base dos saberes tradicionais, e a escrita, base do modelo acadêmico. Criticando a “ideologia iluminista”, os autores afirmam que desenvolver metodologias que integrem ambas é complexo, pois exige superar hierarquias profundamente enraizadas. Há ainda a questão da incomensurabilidade dos saberes tradicionais. Esses saberes não se encaixam nos moldes acadêmicos sem alguma perda de sentido (CARVALHO; FLOREZ, 2014). Deste modo, por mais redundante que possa ser, é pertinente reafirmar que a dimensão epistêmica é central para pensarmos a operacionalização deste projeto disruptivo.

A dimensão epistêmica

A quarta e última dimensão do Encontro de Saberes é a dimensão epistêmica. Essa dimensão dialoga especialmente com as dimensões política e pedagógica, mas questiona o monopólio do conhecimento eurocêntrico, sustentando a pluriepistemicidade. As universidades brasileiras operam em um “estado de exceção epistêmica”, ou seja, não há pluralidade de saberes, apenas a imposição do modelo eurocêntrico como regra. A dimensão epistêmica do Encontro de Saberes existe



justamente para romper com esse monopólio, propondo um convívio estável entre saberes diversos (CARVALHO, 2018; LIMA *et al.*, 2020).

Esse projeto promove a reformulação institucional/política e metodológica/pedagógica das instituições de ensino superior quando constrói um “microcosmo da transformação que almejamos nas universidades em larga escala; isto é, não de algumas disciplinas isoladamente, mas de todos os cursos, centros, faculdades e institutos” (CARVALHO; VIANNA, 2020. p. 32). A dimensão epistêmica do Encontro de Saberes auxilia no preenchimento de lacunas de conhecimento e encontra eco na proposição de uma ecologia de saberes.

A perspectiva da ecologia de saberes sustenta que os diferentes tipos de conhecimento – sejam científicos, tradicionais, filosóficos ou artísticos – coexistem como múltiplas formas de compreensão do mundo, cada uma com suas limitações. Esta incompletude seria inerente a todos os sistemas de saber, o que torna essencial o intercâmbio e o debate entre diferentes tradições culturais, permitindo que se complementem e, por meio deste diálogo, gerem novas formas de conhecimento (LIMA *et al.*, 2020).

A principal questão que mobiliza esta dimensão, talvez seja: como migrar de um plano monoepistêmico para outro pluriépistêmico? Compreendemos que a incorporação dos mestres tradicionais no ambiente acadêmico contribui para a reorganização dos conhecimentos, estimulando novas abordagens teóricas por intermédio da integração transdisciplinar. Desta forma, sustentamos que essa transformação se dá por meio de um diálogo horizontal entre diferentes sistemas de saber (diálogo interepistêmico), rompendo com a estrutura atual que fragmenta e isola os conhecimentos em disciplinas estanques (PAIM; OLIVEIRA, 2023).

Portanto, a presença dos mestres desestabiliza, em alguma medida, a segmentação disciplinar, ao exigir que a universidade renuncie a modelos rígidos e abra espaço para os saberes não eurocêntricos (ÁGUAS, 2021). O “rearranjo dos saberes”, como veremos mais adiante na apresentação dos casos concretos de



implementação do Encontro de Saberes, é um processo já em curso, com impactos concretos na pedagogia, na pesquisa e na própria estrutura universitária. “O saber europeu é válido, é importante e continuará, mas os saberes indígena, afro, dos povos ribeirinhos e de outros também podem ficar” (CARVALHO, 2011. p.n). A riqueza parece estar na não negação dos saberes hegemônicos, mas na abertura de diálogo interepistêmico onde saberes diversos se complementam, gerando uma epistemologia plural.

De certa maneira, o Encontro de Saberes age como uma ruptura epistêmica, pois desafia a hegemonia do conhecimento ocidental nas universidades e cria um novo espaço de validação cognitiva (CARVALHO; ÁGUAS, 2015). A invenção de protocolos para autorizar a possibilidade de construção de novos critérios epistêmicos para validar saberes, indica que a “ruptura” mencionada não é apenas pedagógica, mas gnosiológica⁵, pois questiona quem define o que é “referência” válida (CARVALHO, 2019). Essa ruptura epistêmica acaba por questionar a autoridade exclusiva do saber ocidental. A pluralidade epistêmica combate a pretensão eurocêntrica de universalizar seu modelo de conhecimento, invalidando outros saberes ao equiparar saberes tradicionais aos acadêmicos, reconhecendo-os como sistemas válidos em si mesmos (HARTMANN *et al.*, 2019). Isso implica, entre outras coisas, que mestres são considerados sujeitos do saber, não objetos de estudo. Como sujeitos do saber, possuem autoridade epistêmica para que os saberes tradicionais sejam considerados como epistemologias completas, não como dados a serem interpretados pela academia (ÁGUAS, 2021).

Poderia, após essas considerações, dizer que estas quatro dimensões, ilustradas em conjunto na figura 1, colocam o Encontro de Saberes como um projeto integral que inclui grupos historicamente excluídos (dimensão étnico-racial), que quer transformar as estruturas universitárias (dimensão política), que reorganiza

⁵ Porque analisa a origem, a natureza e a essência do conhecimento.

metodologias de ensino (dimensão pedagógica) e que auxilia na descolonização do conhecimento (dimensão epistêmica).

Figura 1: O Encontro de Saberes como projeto dialógico que integra dimensões política, pedagógica, étnico-racial e epistêmica na universidade.



Fonte: Autoria própria.

A implementação de um projeto como este exige mudanças profundas, indo além do simbólico e caminhando em direção ao enfrentamento de resistências institucionais e epistêmicas. Como uma espécie de resumo/guia para o sucesso do Encontro de Saberes, como instrumento de transformação pluriepistêmico, Carvalho (2023) defende que a universidade precisa passar por um rearranjo institucional radical para se tornar verdadeiramente plural e descolonizada.

Esse rearranjo consistiria em assumir a necessidade de transformações: a) no reconhecimento e adoção de um multilinguismo acadêmico – a universidade deveria abandonar o português como única língua de ensino e incorporar línguas indígenas e afro-diaspóricas, refletindo a diversidade linguística do país; b) na integração entre letramento e oralitura – para que o conhecimento não se restrinja à tradição escrita ocidental, valorizando saberes orais, métodos narrativos e pedagogias baseadas em



múltiplas tradições, como as usadas por mestres indígenas e quilombolas; c) na diversidade étnico-racial na comunidade acadêmica – defende que estudantes, professores e gestores devem representar proporcionalmente a composição demográfica do Brasil, incluindo negros, indígenas, quilombolas e outras minorias historicamente excluídas; d) na implementação de pedagogias plurais e avaliação flexível – porque os saberes tradicionais não seguem modelos disciplinares rígidos e a universidade deve adotar métodos de ensino e avaliação diversificados, adaptados às especificidades de cada área e cultura; e) na docência compartilhada entre doutores e mestres tradicionais – defende que além de professores com formação acadêmica convencional, a universidade deve incluir mestres de povos tradicionais (mesmo sem diplomas do sistema de educação ocidental), reconhecidos por seu Notório Saber; f) na implementação de currículos pluriépistêmicos e transdisciplinares – capazes de integrar os três troncos epistêmicos (ocidental - ciências, filosofia e artes eurocêntricas, indígena - cosmologias, medicina da floresta, arquitetura tradicional e, afro-diaspórico - conhecimentos de matriz africana, como candomblé, capoeira e agroecologia quilombola); g) na hierarquização dos saberes por diálogo, não por imposição – porque nenhum conhecimento deve ser considerado superior *a priori*, a autoridade de cada saber deve surgir de debates intepistêmicos, onde diferentes visões de mundo se complementem (CARVALHO, 2023).

PENSAR, SENTIR E FAZER COM OS MESTRES E MESTRAS

O Encontro de Saberes atua em uma lógica de pensar-sentir-fazer. Isso quer dizer que articula o saber tradicional, integral, com o pensar acadêmico, disciplinar, por meio de uma ação concreta, o fazer pedagógico (CARVALHO; VIANNA, 2020). Para os mestres, pensar, sentir e fazer são indissociáveis, diferindo da fragmentação acadêmica (VIANNA, 2023). A tríade representada no pensar-sentir-fazer, como



fundamento metodológico do Encontro de Saberes, está em direta oposição ao modelo acadêmico tradicional que privilegia apenas a dimensão cognitiva, o “pensar” (CARVALHO; ÁGUAS, 2015; CARVALHO, 2019).

Para superar a primazia do intelectualismo acadêmico, incluindo dimensões tradicionalmente marginalizadas como a corporeidade ou a espiritualidade, o “pensar-sentir-fazer” aparece como uma pedagogia integral que recusa a diferenciação entre razão, corpo e emoção no ato de conhecer. Não como uma metáfora, mas como um método concreto de construção de conhecimento (ÁGUAS, 2021; CARVALHO, 2022). É preciso notar que a 'marginalização' aqui referida não é apenas sociológica, mas epistêmica: trata-se do não-reconhecimento, pela academia, da validade cognitiva de saberes tradicionais (transmitidos comunitariamente) e saberes ancestrais (de origem remota e caráter sagrado), independentemente de sua eficácia prática ou complexidade teórica. Existe uma distância de método que reflete a lonjura entre o saber acadêmico e os saberes tradicionais e suas formas de inteligir o mundo.

Enquanto nós, docentes universitários de formação ocidental, somos pressionados por colegiados e associações acadêmicas a adotar uma via do saber cada vez mais especializada [...], os mestres e mestras vão, ao longo de sua trajetória, acumulando saberes múltiplos e distintos – como se fossem diferentes especialidades na nossa comunidade acadêmica –, muitas vezes necessários para dominar expressões culturais que integram inúmeras linguagens estéticas e simbólicas (HARTMANN *et al.*, 2019. p. 23).

Muitos mestres tradicionais levam consigo sistemas de conhecimento que oferecem paradigmas civilizacionais distintos, capazes de responder à crise multidimensional do projeto moderno-colonial (CARVALHO, 2021). Para muitos desses mestres, a interação direta com a natureza exemplifica essa tríade, pois seu saber emerge na maior parte das vezes da observação ativa, do vínculo afetivo e da cosmologia. Essa forma de interação direta é uma atitude nomeada por Carvalho (2018) de “epistemologias do cosmo vivo”. Para Paim e Oliveira (2023), a tríade pensar-sentir-fazer se materializa em práticas pedagógicas concretas, superando a



abstração puramente intelectual, pois o conhecimento é produzido no fazer (ações coletivas: plantar, construir) no sentir (experiências compartilhadas: sorrir, sonhar) e no pensar (observar reflexivamente).

Observemos que, apesar de cada caso ter a necessidade de um arranjo específico, as experiências práticas apresentam alguns padrões comuns, quais sejam: a) coensino: mestres tradicionais e professores universitários atuam como pares pedagógicos; b) transmissão multimodal: saberes transmitidos por oralidade, corporeidade e espiritualidade (não apenas textos); c) contextualização cultural: as aulas ocorrem em comunidades ou trazem elementos materiais (plantas, instrumentos) para a universidade; c) reconhecimento institucional: as disciplinas têm carga horária e créditos válidos nos currículos (PAIM; OLIVEIRA, 2023). Em 2023, o projeto já estava implementado em 18 universidades brasileiras (como UnB, UFMG, UFRJ, UFF, UFPA) e duas internacionais, a Universidade de Música de Viena/Áustria e a Pontifícia Universidade Javeriana/Colômbia. Outras 20 universidades estavam em processo de adoção da proposta (VIANNA, 2023).

Ainda segundo Vianna (2023), os resultados do Encontro de Saberes são significativos e abrangentes. Inclui, por exemplo, a publicação de livros por mestres e a participação ativa desses mestres em bancas examinadoras, seminários e grupos de pesquisa. Além disso, o desenvolvimento do “Epistemômetro”, método específico para avaliar o grau de inclusão epistêmica nos currículos acadêmicos, surge como ferramenta metodológica do Encontro de Saberes. Nesse contexto, é importante que tenhamos alguns exemplos para ilustrar, efetivamente, como pode se dar a inclusão dessa construção pluriepistêmica.

Onde e quando os saberes se encontraram.

a) Em 2010, na Universidade de Brasília, mestres e mestradas foram convidados a ministrar módulos regulares junto a professores universitários que Carvalho (2010) nomeia de “professores amigos”. Esses professores acadêmicos de áreas



específicas foram acompanhados então desses mestres. O mestre Biu Alexandre, mestre do teatro popular, ficou vinculado ao Departamento de Artes Cênicas e inovou trazendo a corporeidade e a máscara como linguagens pedagógicas, desafiando a ênfase acadêmica no texto escrito. Por meio do ensino prático da performance do Cavalo Marinho, teatro popular nordestino, ele integrou saberes orais (cantos, narrativas) com técnicas acadêmicas de teatro. O mestre Benki Ashaninka, mestre da agrofloresta, ficou vinculado ao Departamento de Educação Ambiental e mostrou que a permacultura já era praticada por povos originários, questionando a noção acadêmica de inovação sustentável. Encarregou-se de ministrar oficinas práticas sobre sistemas agroflorestais indígenas e o diálogo entre conhecimentos ecológicos tradicionais (Ashaninka) e ciência ambiental ocidental. Mestre José Jerome, mestre do Congado, ficou vinculado ao Departamento de Música e, via ensino dos toques, cantos e danças do Congado, ensinou sobre a dimensão espiritual da música afro-brasileira (ausente nos currículos acadêmicos). A mestra Lucely Pio, mestra das plantas medicinais, ficou vinculada aos Departamentos de Farmácia e Enfermagem. Ela desafiou a hierarquia que coloca o conhecimento farmacêutico como “superior” ao tradicional. As aulas práticas sobre identificação e uso de plantas medicinais do cerrado estabeleciam, entre outras coisas, a comparação entre saberes tradicionais e farmacologia ocidental. O Mestre Maniwa Kamayurá, mestre da arquitetura indígena, ficou vinculado à Faculdade de Arquitetura e abriu a reflexão sobre funcionalidade versus cosmologia na arquitetura. Ele apresentou a arquitetura como ato ritual, não apenas técnico, influenciando projetos de habitação social. Houve ainda o seminário de abertura, que foi um evento histórico porque, pela primeira vez, na Universidade de Brasília, uma mulher indígena, Mestra Mapulu Kamayurá, faria um discurso em seu idioma, o Kamayurá, exatamente como quando qualquer um conferencista internacional prestigiado fala em outras línguas e é aceito. O discurso contou com tradução simultânea e a simples presença de uma mulher indígena como conferencista magistral rompeu



com hierarquias de gênero e epistêmicas, contribuindo com a descolonização do espaço (CARVALHO, 2010).

b) Em 2014, a Universidade Federal de Minas Gerais (Brasil) implementou disciplinas no contexto do Encontro de Saberes. Essa perspectiva de diálogo pluriépistêmico, na UFMG, reforçou a importância do reconhecimento do Notório Saber. Teve a participação da Mestra Makota Kidoiale, uma liderança espiritual e mestra do Quilombo Manzo Ngunzo Kaiango, localizado em Belo Horizonte (MG). Sua atuação no Encontro de Saberes exemplifica a inclusão de saberes afro-brasileiros e quilombolas no ambiente acadêmico porque desafiou a hierarquia epistêmica tradicional das universidades. A Makota Kidoiale ministrou aulas onde pôde apresentar seus conhecimentos sobre tradições de matriz africana (ela é uma líder na nação Angola do Candomblé). Defendendo a importância das práticas comunitárias, envolveu os estudantes em vivências sobre organização social quilombola e resistência cultural. A transdisciplinaridade se fez presente na sua participação quando ela fez a comunidade acadêmica perceber que seus saberes estavam conectados com disciplinas regulares como a Antropologia, Filosofia, Educação e Ciências Ambientais. Um dos grandes ganhos da participação da Makota Kidoiale foi o fortalecimento das parcerias entre a UFMG e comunidades quilombolas, influenciando políticas de extensão universitária (CARVALHO; VIANNA, 2020).

c) Na Pontifícia Universidade Javeriana da Colômbia, em 2012, participaram: Taita Santos Jamioy, de Putumayo – liderança indígena do povo Kamëntšá, especialista em medicina tradicional (yagé/ayahuasca) – que estabeleceu diálogos sobre plantas sagradas e rituais de cura, com apoio de um psicólogo especializado em tradições indígenas. Durante sua participação, facilitou a preparação de um remédio tradicional coletivo. A Sabedora⁶ Esperanza Biobió, do Pacífico colombiano – mestra de música e dança afrocolombiana (bullerengue, bambazú) – ofertou

⁶ Título do espanhol, equivalente ao de mestre/mestra.



oficinas de ritmo e dança, com historiadores e músicos acadêmicos. A apresentação artística integrou alunos e professores. O Sabedor Francisco Hinestroza, de Chocó – especialista em festivais infantis e tradições orais afrodescendentes, utilizou vivências de jogos e narrativas tradicionais, com professores de artes. Também, ajudou a organizar uma festa inspirada no San Pacho, festa de Quibdó na Colômbia. Rafael Pinilla, da Bahía Cupica, construtor tradicional emberá, com conhecimento em arquitetura ancestral, discutiu técnicas de construção adaptadas a ecossistemas tropicais, com arquitetos da universidade (CARVALHO; FLOREZ, 2014).

d) Em 2020, a pandemia mundial causada pelo vírus covid-19 obrigou as universidades a adotarem medidas sanitárias para resguardar sua comunidade do contágio. Uma das estratégias mais conhecidas foi a realização de aulas não-presenciais, via plataformas de conferências da internet. O Encontro de Saberes na Universidade de Roraima assumiu o desafio de se adaptar à circunstância. Os encontros presenciais já haviam começado em 2019 com a participação das mestras e mestres do candomblé Mãe Vera de Oxóssi (nação ketu), Mãe Yatylyssa (nação mina jeje nagô fôn), Tátà Bòkúlé (candomblé nação angola), Mãe Michele de Oxum (nação cabinda/RS) e ainda do Xamã Vicente Castro Ye'kwana (povo Ye'kwana). Com a decretação da pandemia em 2020, o formato passou a ser virtual com a participação dos mestres indígenas Ibã Huni Kuin (povo Huni Kuin), Jaime Diakara Desana (povo Desana), Davi Kopenawa Yanomami (povo Yanomami) e do mestre Nego Bispo (quilombola Saco do Curtume). A disciplina presencial com aulas expositivas sobre cosmologias afro-indígenas e demonstrações práticas (ex.: rituais, preparo de medicinas tradicionais) contou com avaliação por participação e rodas de conversa. Na modalidade virtual aconteceram rodas de conversa online sobre territorialidade, ancestralidade e resistência. As gravações foram disponibilizadas para comunidades acadêmicas e tradicionais (ALBERNAZ; CARVALHO, 2022).

Algum sucesso no movimento inaugurado pelo Encontro de Saberes pode ser verificado na popularização de nomes como o de Nego Bispo (Antonio Bispo dos



Santos). Quilombola e intelectual autodidata, pensou, sentiu e fez uma defesa da contracolônização do saber acadêmico, propondo uma crítica radical às narrativas hegemônicas sobre a formação social brasileira. Antes de falecer, em dezembro de 2023, escreveu dois livros, fez inúmeras palestras, entrevistas, conferências, colóquios, se configurando como um dos maiores intelectuais quilombolas do Brasil.

Podemos também citar como exemplos de inspiração do modelo do Encontro de Saberes os casos da UFMG e da UFBA. Na primeira, a Concessão de Título de Notório Saber, equivalente ao de Doutorado, foi regulamentada inicialmente pelo Conselho Universitário por meio da Resolução Complementar Nº 01/2020, de 28 de maio de 2020 e, posteriormente, pela Resolução Complementar nº 05/2024, de 24 de outubro de 2024. A segunda resolução foi editada para incluir “os saberes indígenas, afro-brasileiros, quilombolas, das culturas populares e das demais populações tradicionais brasileiras”. A UFMG concedeu, entre 2021 e 2023, vinte e dois títulos de Notório Saber a pessoas consideradas de alta qualificação acadêmica e a mestres e mestras de saberes tradicionais. Já a UFBA, regulamentou a concessão de Notório Saber através da Resolução 02/2015 do Conselho Superior de Ensino, Pesquisa e Extensão. Nesse caso, os mestres e mestras são contratados como professores-visitantes por iniciativa das unidades universitárias, com aprovação via candidatura em editais específicos para esse fim.

Os casos práticos demonstrados aqui são exemplos de formatos e de possibilidade de ampliação epistêmica e diálogo de saberes nos mais variados contextos acadêmicos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS.

O Encontro de Saberes materializa a coexistência de epistemologias distintas (indígenas, afrobrasileiras e ocidentais) em espaços acadêmicos. Esta abordagem não apenas valida epistemologias marginalizadas, mas também questiona a



colonialidade do saber. Além disso, inova ao propor o diálogo intepistêmico (CARVALHO; ÁGUAS, 2015) como metodologia para desestabilizar hierarquias cognitivas.

Ao contrastar a rigidez disciplinar acadêmica com a polimatia dos mestres tradicionais, o Encontro de Saberes reforça a necessidade de ir além da compartimentalização e engessamento do conhecimento – debate relevante para as pesquisas sobre decolonialidade, transdisciplinaridade e pluriepistemologia. A existência do Encontro de Saberes é, por si só, uma crítica à fragmentação epistêmica que se junta a discussões globais, como as da Ecologia de Saberes (SANTOS, 2007), mas que traz para a ordem do dia as especificidades do contexto brasileiro, como a integração de saberes quilombolas e indígenas.

Ao sistematizar as quatro dimensões do Encontro de Saberes (étnico-racial, política, pedagógica e epistêmica), oferecemos um modelo analítico para avaliar iniciativas similares. Esta estrutura permite identificar, por exemplo, se projetos de inclusão epistêmica estão situados apenas no campo simbólico, como cotas étnico-raciais sem transformação curricular, ou se potencialmente avançam para rupturas institucionais. Essa categorização pode ser útil para pesquisadores que investigam políticas educacionais, justiça cognitiva e reformas universitárias, pois fornece parâmetros possíveis para análise comparativa.

Conhecer o Encontro de Saberes permite problematizar a inclusão superficial, alertando para riscos como a folclorização de saberes tradicionais e o extrativismo intelectual. Essa crítica pode se conectar a debates sobre ética na pesquisa, destacando a necessidade de reciprocidade e proteção de conhecimentos comunitários. O projeto nos convida a sentir e repensar a relação entre academia e comunidades tradicionais, tema urgente em um contexto global de reivindicações por reparação histórica e diversidade cognitiva, para que seja possível fazer uma universidade mais diversa, pluriepistêmica.



O Encontro de Saberes demonstra, na prática, que há caminhos concretos para instituições que buscam implementar projetos de descolonização do conhecimento. Podemos tomar como exemplo a inovação na gestão acadêmica e políticas institucionais representada pelo reconhecimento do Notório Saber que desafia os critérios burocráticos tradicionais da universidade, que privilegiam diplomas do sistema de educação ocidental (CARVALHO, 2021). Poderíamos aprofundar um debate sobre a armadilha colonial que está contida no Parágrafo único do Art. 66 da LDB (LEI 9394/1996), que versa que o reconhecimento de Notório Saber pode ser um substitutivo à titulação acadêmica nas universidades que possuam “curso de doutorado na área afim” da referida titulação. Isso porque esse é um instrumento que, na prática, limita justamente a possibilidade de valorizar a diversidade de pensamento, fazendo com que as universidades se fechem nos seus nichos. Acreditamos que esse é um ponto que pode ser mais debatido com vistas a auxiliar na modernização da Lei, permitindo que o Notório Saber seja cada vez menos burocratizado e mais inclusivo. A titulação de Mestres e Mestras pode inspirar iniciativas de diálogo intepistêmico, como já acontece na UFMG e UFBA, onde editais específicos garantem a contratação desses mestres e mestras em condições equiparadas às de professores doutores. Além do Notório Saber, o Encontro de Saberes também propõe cotas epistêmicas e reserva de vagas, que seriam cotas não apenas para estudantes, mas também para docentes e disciplinas baseadas em saberes tradicionais (CARVALHO, 2023).

Essas duas inovações inspiram uma mudança na universidade, incentivando a diversidade epistemológica nos currículos através de metodologias e docência compartilhadas e também da reestruturação dos espaços de ensino para receber novos modos de pensar, sentir e fazer dentro e fora do ambiente acadêmico. O Encontro de Saberes aponta para a necessidade de superar o modelo de aulas expositivas baseadas em textos escritos, propondo a integração de oralidade, corporeidade e vivências (HARTMANN *et al.*, 2019).



Exemplos como oficinas de arquitetura indígena ou aulas de música afro-brasileira demonstram como saberes tradicionais exigem abordagens pedagógicas flexíveis, que estabeleçam diálogo entre teoria e prática, adicionando outras dimensões simbólicas como o sentir. Se parasse por aí, já seria um grande avanço. No entanto, os efeitos primários do projeto ainda são mais amplos, contribuindo para uma formação crítica, antirracista e decolonial ao inserir saberes indígenas, afrobrasileiros e quilombolas nos currículos, porque prepara, em alguma medida, os estudantes para atuar em contextos multiculturais (ALBERNAZ; CARVALHO, 2022).

Essa abertura ao diálogo é importante, mas julgamos igualmente interessante encontrar formas de avaliar o impacto dessa iniciativa para a pluriepistemologia. Apesar de não ser da natureza do projeto a quantificação dos saberes ou da forma como esses saberes estão incluídos na universidade, ainda não superamos o modelo vigente. Então, seria interessante, para quem pesquisa iniciativas de diálogo intepistemico, a realização de uma análise sistemática de dados quantitativos ou qualitativos sobre o impacto concreto do Encontro de Saberes que dissesse, por exemplo, quantas disciplinas cocriadas por mestres se tornaram permanentes nos currículos, ou como os estudantes avaliam essas disciplinas em comparação com as tradicionais ou, ainda, qual o retorno efetivo para as comunidades tradicionais envolvidas nessas iniciativas.

Talvez, fortalecer mecanismos como o Epistemômetro (CARVALHO, 2020; ALBERNAZ; CARVALHO, 2022) seja um caminho para identificar, compreender, aprimorar e avançar com as transformações necessárias para uma universidade pluriepistêmica. Essas informações e estrutura de aferição de impacto podem auxiliar no processo de aprofundar o debate teórico, mas também servem para oferecer ferramentas práticas para universidades que estejam comprometidas com a descolonização do conhecimento.



O Encontro de Saberes representa uma das iniciativas mais ousadas e necessárias no cenário acadêmico brasileiro contemporâneo. O projeto possui um potencial enorme para desestabilizar a hegemonia eurocêntrica e promover justiça epistêmica. Isso é amplamente reconhecido por seus proponentes, embora objeto de debate. No entanto, é importante que tenhamos em mente que existem limites e lacunas que precisam ser preenchidas para que seja possível fazer o enfrentamento real à estrutura colonial da universidade. O projeto representa uma iniciativa que busca não apenas incluir saberes tradicionais (no sentido de conhecimentos comunitários) e, em muitos casos, saberes ancestrais (de origem remota), mas sobretudo questionar os critérios que hierarquizam formas de conhecimento. Esta distinção é crucial: nem todo saber tradicional é ancestral, e nem todo conhecimento valioso de comunidades tradicionais remonta a tempos imemoriais – muitos são fruto de inovação dentro da tradição. Reconhecer esta complexidade evita folclorizações e permite um diálogo mais honesto sobre como diferentes temporalidades (ancestral, tradicional, contemporânea) podem coexistir nas várias epistemologias não-eurocênticas.

Consideramos que alguns aspectos fazem com que o projeto oscile entre avanços transformadores e contradições estruturais que ameaçam seu potencial revolucionário. O projeto acerta ao desafiar o monopólio epistêmico da academia através da inserção de mestres tradicionais como docentes. Acerta ao criar espaços para saberes historicamente marginalizados e questionar os critérios eurocêntricos de validação do conhecimento. Esses são ganhos visíveis na promoção de diálogos epistêmicos. Porém, é fundamental que não seja subestimada a resistência institucional da universidade como entidade colonial. Os saberes tradicionais podem entrar pela porta da frente e se estabelecerem como saberes válidos e não apenas como saberes secundários, oriundos de povos e comunidades exóticas. Mestres e mestras não podem ser considerados meramente como símbolos para comprovar a virtual disposição das universidades em se mover em direção ao diálogo epistêmico.



Observamos que a implementação do Encontro de Saberes ocorre em um contexto de crise estrutural no mercado de trabalho acadêmico. Segundo Relatório estatístico do Centro de Gestão e Estudos Estratégicos (CGEE), no ano de 2021, 67% dos doutores acadêmicos formados no Brasil conseguiram inserção em trabalho formal, sinalizando que muitos professores qualificados podem estar enfrentando uma precarização laboral através de contratos temporários. Esta realidade gera uma tensão não abordada suficientemente pelo Encontro de Saberes: como justificar a criação de novas vagas para mestres tradicionais quando há doutores, inclusive de grupos historicamente excluídos, sem emprego estável na academia? Esta questão é particularmente sensível quando consideramos que muitos acadêmicos negros, indígenas e quilombolas com titulação formal lutaram para conquistar seu espaço através dos canais convencionais da universidade.

Como observa um estudo sobre ações afirmativas na pós-graduação, há o risco de criar hierarquias entre “saberes legítimos” quando se prevê a contratação de mestres tradicionais sem diploma formal do sistema de educação ocidental em detrimento de doutores marginalizados que já enfrentam barreiras no sistema (LUZ, 2021). O projeto parece presumir uma complementaridade não conflitiva entre essas inserções, quando na realidade podem ocorrer disputas por recursos escassos. Uma possível solução seria articular o Encontro de Saberes com políticas de expansão do quadro docente e reconhecimento de que muitos doutores oriundos de comunidades tradicionais podem atuar como mediadores legítimos entre saberes acadêmicos e comunitários. O desafio está em evitar que a descolonização epistêmica se converta em nova forma de exclusão laboral para acadêmicos já marginalizados. A verdadeira transformação exige tanto inclusão de novos saberes quanto justiça na distribuição de oportunidades de trabalho intelectual, evitando que a crítica ao eurocentrismo produza novas exclusões no já combalido mercado acadêmico.

Iniciativas de diálogo epistêmico são extremamente importantes, mas só serão revolucionárias se, admitindo a complexidade e dificuldade de estabelecer um



diálogo harmônico, perceberem que mudanças nas estruturas acadêmicas possuem caráter necessariamente conflitivo. Isso significa dizer que a verdadeira descolonização será dolorosa porque exigirá o enfrentamento a privilégios de estruturas acadêmicas perfeitamente alinhadas com o eurocentrismo hegemônico. O Encontro de Saberes, em certa medida, já cumpre esse papel. Mas, não há atalhos possíveis para a conciliação de interesses. Não vai ser suficiente incluir outras epistemes se as estruturas que as silenciam permanecerem intactas.

Sem disposição para transformar a universidade em um campo de disputa epistêmica – onde saberes não apenas coexistem, mas disputam poder e recursos – o Encontro de Saberes e outras iniciativas de diálogo epistêmico correm o risco de se tornar um agrupamento bem-intencionado de saberes subalternizados. Não parece que há meio-termo possível para quem pretende descolonizar de verdade uma estrutura tão poderosa historicamente como a universidade. Por fim, é importante mais uma vez defender o Encontro de Saberes como uma potência na inclusão epistêmica, que não nega a universidade, mas que exige que ela se transforme estruturalmente para que o diálogo seja possível.

REFERÊNCIAS

ALBERNAZ, P.C; CARVALHO, J.J. Encontro de Saberes: por uma universidade antirracista e pluriepistêmica. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, v. 28, n. 63, p. 333-358, maio/ago. 2022. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-71832022000200012>. Acesso em: 03 de abril de 2025

ÁGUAS, C.L.P. Encontro de Saberes como espaço de fronteira. Revista Mundaú, n. 10, p. 248-262, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.28998/rm.2021.n.10.10711> Acesso em: 03 de abril de 2025

BRASIL. Lei n. 9.394/1996 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação). Art. 66, parágrafo único. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm Acesso em: 06 de abril de 2025



BRASIL. Lei n. 12.343/2010 (Plano Nacional de Cultura). Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/lei/l12343.htm Acesso em: 06 de abril de 2025

CARVALHO, J.J. Los estudios culturales en América Latina: interculturalidad, acciones afirmativas y encuentro de saberes. *Tabula Rasa*, Bogotá, n. 12, p. 229-251, jan./jun. 2010. ISSN 1794-2489. Disponível em: <https://doi.org/10.25058/20112742.394> Acesso em: 03 de abril de 2025

CARVALHO, J.J.; ÁGUAS, C.L.P. Encontro de Saberes: um desafio teórico, político e epistemológico. In: SANTOS, B.S; CUNHA, T. (eds.). *Actas do Colóquio internacional Epistemologias do Sul: aprendizagens globais Sul-Sul, Sul-Norte e Norte-Sul*. Univ. de Coimbra, v. 1, p. 1017-1027, 2015. Disponível em: http://www.academia.edu/25684477/Encontro_de_Saberes_Um_Desafio_Te%C3%B3rico_Politico_e_Epistemol%C3%B3gico Acesso em: 03 de abril de 2025

CARVALHO, J.J.; FLÓREZ, J.F. Encuentro de Saberes: Proyecto para decolonizar el conocimiento universitario eurocéntrico. *NÓMADAS*, Bogotá, n. 41, p. 129-147, out. 2014. Disponível em: http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0121-7550201400020009 Acesso em 03 de abril de 2025

CARVALHO, J.J.; VIANNA, L.C.R. O Encontro de Saberes nas Universidades. Uma síntese dos dez primeiros anos. *Revista Mundaú*, n. 9, p. 23-49, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.28998/rm.2020.n.9.11128> Acesso em 03 de abril de 2025

CARVALHO, J.J. de. Encontro de Saberes, descolonização e transdisciplinaridade. Três conferências introdutórias. In: TUGNY, R.P. GONÇALVES, G. (org.). *Universidade popular e encontro de saberes*. Salvador (BA): EDUFBA, 2020. p. 14-57. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/32949/1/universidade-popular-REPO.pdf> Acesso em 04 de abril de 2025

CARVALHO, J.J. Cotas étnico-raciais e cotas epistêmicas: bases para uma antropologia antirracista e descolonizadora. *Horizontes Antropológicos*, ano 28, n. 63, p. 1-36, maio/ago. 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1678-49442022v28n3a0402> Acesso em 03 de abril de 2025

CARVALHO, J.J. Encontro de Saberes e descolonização: para uma refundação étnica, racial e epistêmica das universidades brasileiras. In: COSTA, J.B.; MALDONADO-TORRES, N.; GROSFUGUEL, R. (Org.) *Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico*. Autêntica Editora, 2ª ed. Belo Horizonte, 2019.



CARVALHO, J.J. Notório Saber para os Mestres e Mestras dos Povos e Comunidades Tradicionais: Uma Revolução no Mundo Acadêmico Brasileiro. Revista UFMG, Belo

Horizonte, v. 28, n. 1, p. 54-77, jan./abr. 2021. Disponível em <https://doi.org/10.35699/2316-770X.2021.29103> Acesso em 03 de abril de 2025

CARVALHO, J.J. Transculturality and the meeting of knowledges. In: HEMETEK, U. et al. (org.). Transkulturelle Erkundungen: Wissenschaftlich-künstlerische Perspektiven. Viena (AT): Böhlau Verlag, 2019. p. 79-94. Disponível em <https://library.oapen.org/bitstream/id/3df3461c-704e-4d61-9bd8-f0a7ef952afd/1002563.pdf> Acesso em 07 de abril de 2025

CARVALHO, J.J. Universidades empobrecidas de conhecimento. Entrevista concedida a Natalia Mazotte. Revista de História da Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro, 7 jan. 2011. 10 p. Disponível em: https://www.cotas.org.br/files/downloads/V%201%20N.1%20janeiro%202011%20Cadermos%20de%20Inclus_o%201%20Entrevista.pdf Acesso em 03 de abril de 2025

CARVALHO, J.J. Universidade aberta a novos saberes, sujeitos e epistemologias: Um modelo para a refundação das universidades brasileiras. Ciência&Cultura, vol. 75, n. 1, São Paulo, 2023. Disponível em: http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252023000100002 Acesso em 03 de abril de 2025

CARVALHO, J.J. Uma conversa com José Jorge de Carvalho. Entrevista concedida ao canal Saberes Tradicionais/UFMG. 2019. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=gAT1szkgw6Y> Acesso em 05 de abril de 2025

CENTRO DE GESTÃO E ESTUDOS ESTRATÉGICOS (CGEE). Brasil: Mestres e doutores 2024. Relatório estatístico geral de Mestres e Doutores – 2024. Observatório de RH para CT&I. 2024. Disponível em: <https://mestresdoutores2024.cgee.org.br/> Acesso em: 01 de fevereiro de 2026

GUANAES, S.A.; LEDEZMA MENESES, G.G. Encontro de Saberes e Cotas Epistêmicas: a experiência da Universidade Federal da Integração Latino-Americana. Ayé: Revista de Antropologia, v. 5, n. 1, 2023. Disponível em <https://revistas.unilab.edu.br/index.php/Antropologia/article/view/1324> Acesso em 03 de abril de 2025

HARTMANN, L.; CARVALHO, J.J.; SILVA, R.L.; Abreu, J. "Tradição e tradução de saberes performáticos nas universidades brasileiras". Revista Repertório, Salvador, ano 22, n. 33, p. 8-30, 2019.2. Disponível em <https://doi.org/10.9771/rv0.033.32015> Acesso em 03 de abril de 2025



LIMA, H.F.; AMARAL, J.A.; SACRAMENTO, R.A.L.; COSTA, E.F. Reflexões sobre o "Projeto Encontro de Saberes" enquanto experiência teórico-metodológica pós-colonial e da Ecologia de Saberes no ensino superior. *Research, Society and Development*, [S. l.], v. 9, n. 7, p. 1-19, e650974525, 2020. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/4525> Acesso em 03 de abril de 2025

LUZ, J.A.G. Sobre a política de ações afirmativas: onde estamos? *Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/As – ABPN*, 13(37), 582–594. 2021. Disponível em: <https://abpnrevista.org.br/site/article/view/1275/1201> Acesso em 25 de junho de 2025

PAIM, J.B.F.; OLIVEIRA, M.R. "Encontro de Saberes como um caminho à pluriversidade". *Revista nuestraAmérica*, v. 11, n. 22, p. 1-15, jul.-dez. 2023. Ediciones nuestraAmérica desde Abajo. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/10.2307/48762398>. Acesso em: 03 de abril de 2025

POGLIA, M.A.S.; SALOM, J.S.; CHURRASCO, M. Jogo de dentro, jogo de fora: O encontro de saberes da UFRGS e a capoeira de Mestre Churrasco. *Revista Mundaú*, Porto Alegre, n. 9, p. 146-167, 2020. Disponível em <https://doi.org/10.28998/rm.2020.n.9.11015> Acesso em 03 de abril de 2025

SANTANA, L.A.A.; MEIRELES, E.; CARVALHO, J.J. Acesso às instituições federais de ensino superior brasileiras após a lei de cotas. *Revista FAEEBA – Educação e Contemporaneidade*, Salvador, v. 28, n. 55, p. 127-141, maio/ago. 2019. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.21879/faeeba2358-0194.2019.v28.n55.p127-141> Acesso em 03 de abril de 2025

SANTOS, B.S. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. *Novos estudos CEBRAP* (79). 2007. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0101-33002007000300004> Acesso em 03 de abril de 2025

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA. Conselho Superior De Ensino, Pesquisa e Extensão Resolução Nº 02/2015 Dispõe sobre o reconhecimento do notório saber na UFBA. Disponível em: <https://www.ufba.br/sites/portal.ufba.br/files/Resolu%C3%A7%C3%A3o%2002.2015.pdf> Acesso em 05 de maio de 2025.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS. Conselho Universitário. Resolução Complementar nº 01/2020, de 28 de maio de 2020. Disponível em: <https://www.ufmg.br/prpg/wp-content/uploads/2022/09/Resolucao-Notorio-Saber.pdf> Acesso em 05 de maio de 2025.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS. Conselho Universitário. Resolução Complementar nº 05/2024, de 24 de outubro de 2024. Disponível em: <https://www.ufmg.br/prpg/wp-content/uploads/2025/05/05rescomp2024-DoutorporNoto%CC%81rioSaber.pdf> Acesso em 05 de maio de 2025

VIANNA, L.C.R. Encontro de Saberes: o espírito do tempo e o estado da arte de uma proposta de transformação social. *PragMATIZES - Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura*, Niterói/RJ, Ano 13, n. 25, p. 267-301, set. 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.22409/pragmatizes.v13i25.58015> Acesso em 04 de abril de 2025

WALSH, C. Interculturalidad Crítica y Pedagogía De-Colonial: Apuestas (Des)De El In-Surgir, Re-Existir y Re-Vivir. *Educação Online*, (4). 2009 Disponível em: <https://educacaoonline.edu.puc-rio.br/index.php/eduonline/article/view/1802> Acesso em 27 de abril de 2025

Recebido em: 02/12/2025

Aprovado em: 27/05/2026